



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6339 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 01 - História da Educação

**ENTRE O ENGAJAMENTO INTELECTUAL E A EDUCAÇÃO CLANDESTINA:  
DIMENSÕES DA CULTURA POLÍTICA COMUNISTA NA ATUAÇÃO DE JOSUÉ  
GUIMARÃES – ANOS 1940/50 –**

Diego Orgel Dal Bosco Almeida - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

**ENTRE O ENGAJAMENTO INTELECTUAL E A EDUCAÇÃO CLANDESTINA:  
DIMENSÕES DA CULTURA POLÍTICA COMUNISTA NA ATUAÇÃO DE JOSUÉ  
GUIMARÃES – ANOS 1940/50 –**

Josué Guimarães (1921-1986) é, certamente, um reconhecido escritor brasileiro que perfila no panteão da literatura nacional. Sua produção de romances, contos e novelas se deu somente ao longo do período da ditadura militar nas décadas de 1960/70, momento de sua trajetória como escritor e intelectual já problematizado por pesquisas provenientes dos estudos literários (SANTOS, 1983; SILVERMAN, 1995; DALCASTAGNÉ, 1996; SILVA, 1997; 2002; LUKASZCZYK, 2001). Porém, o início de sua atuação no mundo das letras e do jornalismo deu-se algumas décadas antes, anterior à sua consagração como escritor pela crítica literária. Já nos anos 1940, Josué trabalhava em jornais importantes de Porto Alegre, tendo uma atuação intelectual importante no contexto do fim do Estado Novo em 1945.

Em 1952, realizou uma viagem à União Soviética (URSS) e também à China. Dessa experiência, escreveu uma narrativa de viagem intitulada *As muralhas de Jericó, memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50*. Nessa mesma época, além de vereador eleito pelo PTB em Porto Alegre, Josué também se dedicava às atividades de redator na revista cultural *Horizonte*, periódico lançado em 1949 com edições até 1956 e periodicidade trimestral e semestral. A revista, de um círculo de escritores e artistas de Porto Alegre, era um órgão divulgador de assuntos ligados à política da União Soviética e da situação dos partidos comunistas ao redor do mundo. Era uma revista que, a exemplo de outras pelo país, assumia um caráter pedagógico e propagandístico. Já em sua primeira edição, a *Horizonte* afirmava-se em torno de “seus objetivos educativos” e seus/suas integrantes, assumiam o papel de “críticos atentos que buscavam melhorar o nível cultural do povo”, principalmente por meio da “literatura”. A divulgação seguia as orientações do realismo socialista, estimulando autores/as na participação em congressos internacionais (ARBEX, 2012, p.88).

Ao procurar compreender o engajamento intelectual comunista nas suas relações com a educação clandestina, busca-se subsídios em trabalhos de pesquisa que já tenham trabalhado com a educação comunista e a educação clandestina (SILVEIRA; MORETTI, 2017 e OLIVEIRA; SILVEIRA, 2017). São estudos que se situam a partir de um contexto de

diversificação de temáticas e fontes para a História da Educação tendo por referência o levantamento realizado por Catani e Faria Filho (2005) que buscou chamar a atenção para trabalhos apresentados entre 1985 e 2000 no GT de História da Educação da ANPED. Os trabalhos apresentados demonstraram a interação das investigações catalogadas com fontes que não eram tão usuais no campo de estudos histórico-educacionais. Por exemplo, podem ser citados os documentos oficiais da polícia política na ditadura militar (FIUZA; BRAGGIO, 2013) e os relatos autobiográficos e narrativas de memórias de comunistas que, ao longo do século XX, no período da Guerra Fria, tiveram suas trajetórias marcadas pela clandestinidade.

Silveira e Moretti (2017, p. 194), afirmam que “a rede de educação clandestina de comunistas no Brasil ainda precisa ser mapeada e analisada”. Suas considerações citam trechos do Inquérito Policial Militar (IPM) “709”, produzido pela polícia política durante a ditadura militar (1964/85). Os próprios militares reconheciam o “trabalho de educação” dos comunistas, entendido como uma “tarefa específica e inconfundível” da sua atuação. No inquérito, os militares reconheciam, também, que era “graças ao trabalho de Educação que o partido conseguia sobreviver” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 1967, p. 48, apud. SILVEIRA; MORETTI, 2017, p. 194). Oliveira e Silveira (2017, p. 12-14), na sua análise sobre “práticas, formas e funções de uma educação clandestina” com relação às “escolas preparatórias de quadros”, concluíram que essas “escolas” detinham uma função especial: “instrumentalização teórica e prática em prol de uma revolução”. Na análise desses registros, os/as pesquisadores/as envolvidos/as nos estudos sobre a educação comunista fizeram uso da noção de *clandestinidade*. É um conceito cuja interpretação polissêmica e que envolve interlocução com conceitos psicanalíticos: “trauma, sublimação, resistência” (LACERDA FILHO, 2011, p. 9 e p. 29), podendo significar, dessa forma, tanto trauma e resistência quanto projeto e imposição. Consiste “em uma situação onde duas condições antagônicas podem conviver de maneira simultânea: a visibilidade e a invisibilidade”. Compreendendo resistência e projeto como um vetor de mobilização de sentidos, deve-se salientar que isso se dava a partir de um tipo específico de cultura política: a cultura política comunista.

A cultura política comunista, como um conceito polissêmico, pode ser vista como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas” que é “partilhado por determinado grupo humano, expressando uma identidade coletiva fornecendo leituras comuns do passado” que inspira “projetos políticos direcionados ao futuro” (MOTTA, 2013, p. 17-18). No que toca aos principais traços característicos dessa cultura, dois são significativos (MOTTA, 2013, p. 17 e p. 26): primeiro, a cultura política comunista não esteve apenas restrita ao partido, tendo em vista que sua influência “transcendeu os limites das organizações partidárias” e os motivos de “adesão” não se davam somente por uma suposta coerência ideológica ou simplesmente pela “defesa dos interesses de classe”; segundo, a categoria social referente aos/as “intelectuais e artistas” detinha importância significativa para esses grupos, já que auxiliava a “produzir imagens, discursos, ideias e disseminá-las entre a população”. Assim, o conceito de cultura política comunista, bem como esses seus dois traços característicos são centrais para compreender a atuação de Josué Guimarães, seu engajamento intelectual e seu papel no contexto de uma educação clandestina.

A viagem que realizou, diferente do caso de militantes comunistas, não foi para ter aulas nas “escolas” de preparação ou formação, mas para “cobrir”, como jornalista, a *Conferência Internacional de Moscou* no ano de 1952 que, naquela altura, representava uma ocasião importante nas relações econômicas entre os países no pós-guerra. Na época, Josué trabalhava na sucursal do jornal *Última Hora* em Porto Alegre. Obteve uma autorização do presidente da República Getúlio Vargas, líder máximo de seu partido, e patrocínio de Samuel Wainer, proprietário do jornal e amigo pessoal do presidente. Ao que parece, Josué não escrevera para o jornal nas semanas que passou na União Soviética e na China, mas utilizara o tempo para se dedicar à escrita de seu livro de memórias. Dentre os trechos mais

significativos:

[...] Homens e mulheres disputavam a primazia na porta e muitos outros saíam lá de dentro empunhando um livro qualquer. Fomos nos informar do que havia. E o espanto foi tanto, para nós, brasileiros, que ninguém comentou o sucedido. [...] Tratava-se, simplesmente, de mais uma edição de um livro sobre filosofia, disputado de tal maneira que me lembrou episódio igual, numa banca de São Paulo, no dia em que saiu uma nova edição da revista *Grande Hotel*, uma cretiníssima coleção de histórias de amores mal correspondidos, de mistura com a vida secreta de artistas de Hollywood e conselhos sobre a melhor maneira de achar um marido. E seriam intelectuais os que tanto esforço faziam para comprar um pesado livro de filosofia? [...] Talvez seja difícil para nossa mentalidade compreender o interesse do operário de uma fábrica qualquer por um assunto sério, de cultura. (GUIMARÃES, 2001 [1952], p. 105-106)

Existe uma dualidade em todo o teor da narrativa de memórias escrita por Josué Guimarães que confronta o Brasil com a China e a União Soviética. As comparações não são, de fato, tão diretas ou objetivas, mas, muitas vezes, relatam situações específicas que demonstrariam diferenças significativas entre o Brasil e os países socialistas, ao mesmo tempo em que buscam elucidar, aos/às potenciais leitores/as brasileiros/as, que os relatos do narrador das memórias não se parecem com o que circulava pelo país sobre a situação da União Soviética e da China. Identifica-se no trecho dois aspectos muito significativos: o primeiro, que tem a ver com a concepção de que a tarefa de intelectuais, sobretudo escritores/as, era de, afinal, elucidar as realidades sociais com vistas na transformação social. Neste caso, o exemplo a ser seguido vinha dos países socialistas, como a China e a União Soviética, elogiadas por Josué Guimarães. Seus escritos de memória, neste caso, assemelham-se à função das “escolas” de preparação que era frequentada por comunistas brasileiros: instrumentalizar a sociedade em direção à uma ideia de “revolução” dirigida, de modo exemplar, pela União Soviética. Se a Revolução de 1917 já causara forte impacto entre intelectuais, denominada de “grande revolução proletária” (HOBSBAWM, 1985, p. 15), em 1945, quando se deu o fim da Segunda Guerra com a vitória dos países aliados, que, se bem lembrado, incluiu o apoio dos russos, essa identificação ganhou novo fôlego. Para se compreender os motivos do deslumbramento de Josué Guimarães frente ao mundo soviético, é necessário considerar o alto prestígio da União Soviética no contexto do pós-guerra, que canalizava expectativas do mundo todo. Assim, acentuou-se o papel que o/a intelectual, sobretudo o/a escritor/a e sua literatura, ganhou na sua ação de disseminar a “utopia revolucionária”. A própria literatura de viagem, que já teve diferentes papéis ao longo dos tempos, no século XX, ganhou uma dimensão propriamente política. Os relatos de viagem de comunistas brasileiros que iam para a União Soviética podem ser vistos, portanto, enquanto exemplos desse estatuto e dessa dimensão política (TÔRRES, 2012; SOTANA, 2006).

Um outro aspecto, além da dualidade presente no texto, que tinha a ver com a ideia de elucidação da realidade social em vistas à ideia de transformação vinculada ao modelo soviético é o próprio conteúdo do evento narrado por Josué. Não são “intelectuais”, mas “operários” que disputavam um “livro de filosofia”. Pode-se dizer que um dos temas que era frequentemente discutido nas páginas da revista *Horizonte*, da qual Josué fazia parte, era o papel social e político da literatura e, por consequência, do/a escritor/a na sociedade. Nas suas edições, desde 1949 até 1956, assim como ocorria em outras revistas culturais do Brasil e em outros países, veiculava-se a ideia de uma “popularização da literatura seguindo uma linha que prevaleceu entre os defensores do realismo socialista” (ARBEX, 2012, p. 16; LUKÁCS, 2011, p. 311). A *Horizonte* era uma revista que, a exemplo de outras no país e em outras partes do mundo, tendia a assumir um caráter ao mesmo tempo pedagógico e propagandístico.

Com o fim da Segunda Guerra e com o seu prestígio renovado, a União Soviética exportaria essa ideia para outros lugares do mundo, debate que se fez sentir, de diferentes modos, na França, a exemplo da publicação de *Que é literatura?* de Jean Paul Sartre em 1948. No livro, o pensador propõe um novo estatuto para uma literatura popularizada: a “literatura da práxis”:

[...] reconhecemos que devemos fazer uma literatura da práxis [...]se, para nós, mostrar o mundo é sempre desvendá-lo segundo as perspectivas de uma mudança possível, então nesta época de fatalismo, devemos relevar ao leitor, em cada caso concreto, o seu poder de fazer e desfazer, em suma, de agir. [...] (SARTRE, 2004 [1948], 213-214)

A proposição de Sartre (2004 [1948]), que sintetiza, em parte, o debate que vinha ocorrendo na França, não deixaria também de afetar o Brasil do pós-guerra. Foi por meio da ABDE (Associação Brasileira de Escritores), criada em 1943, que se iniciaram essas discussões no Brasil. Já com a realização do *Primeiro Congresso de Escritores*, no Teatro Municipal de São Paulo, em janeiro de 1945 – conclave organizado pela ABDE – ganhou evidência a ideia de que a literatura deveria protagonizar a orientação em direção a uma transformação social, em direção a uma sociedade “mais igualitária” (ARBEX, 2012, p. 15). O *Congresso* foi caracterizado como um movimento de contraponto ao regime do Estado Novo. O fim da ditadura varguista estimulava intelectuais que buscavam projetos alternativos (LIMA, 2012, p. 11).

Do estado do Rio Grande do Sul, participaram nomes como os de Carlos Reverbel, Dyonélio Machado, Gilda Marinho, Lila Ripoll, Moisés Vellinho, Raul Riff e Telmo Vergara. Acompanhado desses nomes, Josué Guimarães integrou a chamada “comissão de cultura” que defendia, dentre outras teses, uma vida social “espontânea, borbulhante, diversificada no sentido de proporcionar ao país o maior número de pessoas diferentes” (LIMA, 2012, p. 129). Alguns desses nomes chegaram a ser membros oficiais do PCB enquanto o partido esteve na legalidade, entre 1945/47 (MARTINS, 2007, p 44). Josué, que não era um membro oficial do partido, fora designado não somente para participar do conclave, como fazer a cobertura jornalística pelo jornal *A Hora*, onde publicou sua visão acerca do Congresso por meio de uma “Declaração de Princípios” que é elucidativa sobre o modo como via o papel da literatura em relação ao mundo social e político:

Muito se tem falado por este Brasil sobre se o escritor deve ou não ser político. [...] o homem de letras titubeava se deveria escrever um poema cor-de-rosa ou se deveria expressar suas dúvidas, [...] a atitude do escritor em face da política, não se limita aos debates partidários [...]. Por isso o Congresso de Escritores de São Paulo discutiu assuntos políticos, ante a reação [...] dos que pensam que a literatura deve se ater à perfeição da forma, ao canto da beleza pura e que o que o homem escreve tem por defesa de seu mundo interior cheio de luz e passarinhos – ou melhor – um alvo chumaço de algodão nos ouvidos [...] (GUIMARÃES, Josué. Declaração de Princípios, *A Hora*, Porto Alegre, 8 de fevereiro de 1945, s.p.)

Josué Guimarães, além de sua atuação como intelectual combativo por meio de sua literatura no período da ditadura militar (1964/85) teve uma significativa inserção nos círculos intelectuais em Porto Alegre entre os anos 1940/50. Neles, admitiu a função de um

intelectual a partir dos valores da cultura política ligada ao comunismo: seu papel educativo e propagandístico em relação à disseminação da educação comunista em vistas da transformação social tendo como modelo a própria situação da União Soviética. Seu livro de memórias não chegou a ser publicado, por “conselho” do então presidente da República Getúlio Vargas. Com o intuito de relatar suas experiências, Josué tentaria ainda promover conferências no seu partido, o PTB. Suas tentativas não deram certo, até que foi destituído da liderança do PTB na Câmara Municipal por outro líder em ascensão na época, o jovem político Leonel Brizola, então deputado estadual, também pelo partido trabalhista. O livro só viria a lume em 2001. Josué Guimarães deixou o PTB em 1954, tendo se lançado candidato a deputado federal pelo PSB (Partido Socialista Brasileiro), pleito que não venceu e o último que disputou. Em entrevistas, décadas mais tarde, acerca da sua atuação na política partidária, diria que foi apenas “episódica” e que foi por meio da literatura que conseguiu fazer e dizer aquilo que desejava (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação clandestina, engajamento intelectual, cultura política comunista

## REFERÊNCIAS

ARBEX, Luciana Bueno Marta. **Intelectualidade brasileira em tempos de Guerra Fria:** agenda cultural, revistas e engajamento comunista. Dissertação. (Mestrado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CATANI, Denice B.; FARIA FILHO, Luciano M. de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT de História da Educação da ANPED (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, 2002, n. 19, p. 113-128.

DALCASTAGNÉ, Regina. **O espaço da dor:** o regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

FIUZA, A. F.; BRAGGIO, A. K. Acervo do DOPS-PR: uma possibilidade de fonte diferenciada para a história da educação. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 430-452, jul./dez. 2013.

GUIMARÃES, Josué. **As Muralhas de Jericó**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

GUIMARÃES, Josué. Declaração de Princípios – de Josué Guimarães. **A Hora**, Porto Alegre, 8 de fevereiro de 1945, s.p.

HOBSBAWM, Eric. **Revolucionários:** ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, **Josué Guimarães:** escrever é um ato de amor. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

LACERDA FILHO, Mozart. **A experiência da clandestinidade política:** relatos orais de ex-militantes de esquerda durante a ditadura militar (1964-1979). 2011. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Estadual Paulista em

Franca, Franca/SP, 2011.

LIMA, Felipe Victor. **O Primeiro Congresso de Escritores**: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945). Dissertação. (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

LUKASZCZYK, Claudia. **A representação da ideologia no romance Os Tambores Silenciosos**. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 2001.

MARTINS, Marisângela. **De volta para o presente**: uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). Dissertação. (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs). **Comunistas brasileiros**: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.

OLIVEIRA, Amanda Assis de; SILVEIRA, Éder da Silva. Educação e clandestinidade: memórias de comunistas brasileiros na União Soviética (1953-1955). **Temporalidades**, v. 9, p. 12-31, 2017.

SANTOS, Volnyr Silva. **Discurso e ideologia em Josué Guimarães**. Dissertação. (Mestrado em Letras). – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 1983.

SARTRE, Jean Paul. **Que é literatura?** São Paulo: Ática, 2004 [1.<sup>a</sup> edição de 1948].

SILVA, Miguel Rettenmaier da. **A cegueira das utopias e os desencantos da memória**: uma leitura da esperança nas narrativas de Josué Guimarães e Ernesto Sábato. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SILVA, Miguel Rettenmaier da. **Camilo Mortágua**: o andarilho da Azenha e os descaminhos da vida. Dissertação. (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUC-RS, 1997.

SILVEIRA, Cheron Zanini; SILVEIRA, Éder da Silva. Memórias de uma educação clandestina: comunistas brasileiros e escolas políticas na União Soviética na década de 1950. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 66, p. 193-208, out./dez. 2017.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e Novo Romance Brasileiro**. Porto Alegre/São Carlos: Editora da UFRGS/Editora da UFSCar, 1995.

SOTANA, Edvaldo Correa. **Retratos de viagem à URSS em tempos de Guerra Fria**: uma prática de militantes comunistas brasileiros. Curitiba: Aos quatro ventos, 2006.

TÔRRES, Raquel Múndin. A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: considerações a partir do estudo de relatos de viagem de brasileiros à URSS. **História Social**, primeiro semestre de 2012, p. 307-329